



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

— N.º 17 — 2.ª SÉRIE — OUTUBRO DE 1967 — PREÇO: \$50

## OS 50 ANOS DO PRIMEIRO ESTADO DE OPERÁRIOS E CAMPONESES

A 7 de Novembro de 1917, pela primeira vez na história, uma revolução colocou no poder as classes até aí exploradas—os operários e os camponeses. Com ela, nasceu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que fez da Rússia e dos países por esta então oprimidos e subjugados a grande nação que hoje é.

Decorridos 50 anos, o povo soviético comemora com orgulho e satisfação as suas conquistas socialistas. A tais comemorações, associam-se as classes trabalhadoras e os homens e mulheres progressistas de todo o mundo.

Razão há para que assim seja. Nestes 50 anos, esse imenso país, outrora bastante atrasado, tornou-se num dos países mais desenvolvidos. A indústria e a agricultura progrediram extraordinariamente. A ciência, a técnica, a cultura, foram postas ao serviço do povo e desenvolveram-se a ponto de causar a admiração a todos os povos. O desemprego desapareceu. O analfabetismo foi eliminado. A exploração do homem pelo homem deixou de existir.

A URSS tornou-se um exemplo de progresso e de bem-estar. Todos os cidadãos são iguais em direitos e deveres. A todos os trabalha-

dores é assegurado trabalho com remuneração justa, de acordo com a tarefa realizada. A trabalho igual é pago salário igual, sem distinção de sexo ou idades. O trabalho deixou de ser um pesado fardo, para ser um dever que se cumpre com agrado para benefício geral. Neste ano de 1967, em que se comemora 50 anos da Revolução Socialista, a semana máxima de trabalho passou para 40 horas e, nalguns casos, como nas minas e nas indústrias tóxicas (cont. na pág. 2)

### O QUE DEU AOS CAMPONESES A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

O principal problema dos camponeses (pequenos e médios lavradores) tem sido, através dos tempos, a falta de terra ou a sua posse em quantidade insuficiente para lhes garantir uma situação económica desatogada. Além destes, outros problemas existem, alguns também de grande importância, como sejam: o acesso ao ensino, à cultura, ao desporto, ao usufruto do

progresso científico e técnico, a melhoria social de toda a ordem.

A Grande Revolução Socialista de Outubro, serve de exemplo ao que podem esperar duma revolução socialista os camponeses.

Na Rússia de 1917, tal como hoje no nosso País, os camponeses eram miseravelmente explorados, não possuíam terra suficiente, eram em grande parte analfabetos e vítimas dos latifundiários, dos usurários e dos grandes capitalistas.

Vitoriosa que foi a revolução em 7 de Novembro, uma das primeiras preocupações do novo regime foi a de libertar os camponeses da miséria em que viviam e da exploração de que eram alvo. Assim, o governo soviético tomou medidas imediatas para satisfazer as suas reivindicações fundamentais. Logo no dia 8 de Novembro, um dia apenas depois da vitória da revolução, o II Congresso dos Soviéticos aprovou um decreto que ficou conhecido por DECRETO SOBRE A TERRA. Este decreto aboliu sem qualquer indemnização a propriedade dos latifundiários, estabeleceu que a ter-

(cont. na pág. 3)





## Mais respeito pela sorte do agricultor

De uma maneira geral, todos os anos, nesta ou naquela região do País, a agricultura sofre grandes prejuízos devido às inclemências do tempo. Ora, quando isso acontece, era obrigação que do governo partisse uma ajuda aos camponeses que sofrem esses prejuízos. Essa ajuda podia ser através de subsídios ou de isenção de « décimas », licenças, etc. Mas isso não acontece. O governo só se lembra do camponês para o explorar. Não se importa com a sua sorte. E se o governo alguma coisa tem feito neste sentido, é só para proteger o grande camponês, o latifundiário, como aconteceu há anos com a peste suína que infestou a maior parte do País. Neste caso, o governo deu cerca de 16.000 contos de subsídios. Mas este dinheiro só foi parar às mãos dos grandes agrários do Sul. Os camponeses do Norte, concretamente os da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, que foi também neste caso uma das regiões mais atingidas pela peste, esses, nada receberam, sendo os que mais precisavam, visto serem na maioria pequenos e médios camponeses. Assim, até nestes raros casos de ajuda do governo, existe o comodismo e isso explica-se porque uma boa parte dos governantes são os próprios grandes agrários.

Os camponeses do Norte, este ano, têm sobre si grandes prejuízos resultantes dessas intempéries: foram as destruições de parte dos laranjais, olivais e pinhais devido aos grandes nevoes caídos este ano e que também molestaram muita batata desemente que o pequeno camponês guarda em lugares sem defesa dos gelos por não ter outros melhores (em muitos casos, guarda-as no forro das casas). Foi, por outro lado, estragamento da cereja devido às constantes chuvas que caíram de princípio de Maio em diante, por toda a encosta da margem esquerda do Douro, a começar na Régua, até à estação da Pala, mas que se estendia ainda para lá de Entre-os-Rios. Foram centenas de milhares de quilos, quase a totalidade da cereja dessa região que se estragou. Foi também mais ou menos por essa altura que, devido às fortes geadas, se deu a queima de grandes quantidades de vinhedos, bem como a destruição da maçã e da pera de alguns pomares, e a queima também deste ou daquele batatal. Enfim, são também as costumesiras cheias de inverno trovoadas de verão que, um ano nesta ou naquela região, muitos prejuízos e desgostos causam aos infortunados camponeses. Pois bem, escosado será esperar que do governo venha algum auxílio dado através de dinheiro ou isenção de « décimas ». O produtor é que tem de se aguentar; não interessa que tenha de apertar mais o cinto, de vestir pior, de deitar mais uma dívida às costas etc., etc. Pelo contrário, o camponês, em vez de ter ajuda, estará mas é sujeito ao aumento das « décimas », de novos impostos, novas licenças, etc., porque é preciso dinheiro para as guerras de África, para essa guerra vergonhosa e desumana, em que se perdem os nossos filhos que tanto nos custaram a criar, e na qual se gasta todos os dias « rios de dinheiro » — cerca de 20.000 contos por dia!

o E tu sabias, companheiro, que com esse dinheiro se podia pagar a 200.000 trabalhadores diários e na base de 100\$00 por dia?

o Sabias, companheiro, que com esses 20.000 contos gastos diariamente nas guerras de África, podia construir-se 200 casas por dia à razão de 100 contos cada casa, o que, a 4 pessoas por casa, dava para abrigar a população de uma aldeia de 400 pessoas?

o Sabias que se podia construir 5 escolas por dia para a instrução primária, no valor de 4.000 contos por escola, ou 1 hospital no valor dos 20.000 contos, ou 1 liceu no mesmo valor?

Por estes três exemplos, entre muitos, poderás com-

panheiro, avaliar melhor quanta ajuda poderias ter com aquele dinheiro que, afinal, passa a ser gasto em coisas que, em vez de produzirem, só destroem e causam imensas dores.

As « décimas » poderiam ser mais baixas, o vestuário, o calçado, as ferramentas, as máquinas, etc., poderiam ser mais baratas, assim como tudo que precisas de comprar para cultivares as terras. Mas em vez de teres essa ajuda estas mas é sujeito a pagares ainda mais e a perderes os teus familiares, nessa vergonhosa guerra.

Companheiro, reclamemos do governo, quando os campos ou as produções que cultivamos sofrem prejuízos. Exijamos que termine a guerra em África. Lutemos para derrotar o governo que teima em não nos ouvir e que só nos sabe explorar!

### OS 50 ANOS (cont. da pág. 1)

cas, para 35 horas, o que equivale, em qualquer dos casos, a 2 dias de descanso por semana.

A mulher conquistou a sua emancipação económica e política.

Junto de cada fábrica e nos kolkoz, existem creches, onde as mães deixam os filhos durante o tempo de trabalho.

A assistência médica e hospitalar é gratuita.

O ensino é obrigatório e gratuito durante 11 anos, o que equivale, em tempo, ao 7.º ano dos liceus, mas que da juventude uma soma muito maior de conhecimentos e de preparação técnica, com vistas à formação de trabalhadores competentes e conscientes.

Os espectáculos (teatro, cinema, ballet, circo,) de elevado valor artístico e cultural, são acessíveis a todas as camadas da população. Os livros, jornais e revistas, são baratíssimos.

Os transportes colectivos, são os mais baratos do mundo.

Através das organizações de fábrica, de kolkoz, de intelectuais, de juventude, de mulheres, todo o povo participa na administração económica, política, social, artística e cultural do país.

Internacionalmente, o prestígio da União Soviética é enorme. Principal obreira da vitória sobre o nazismo e o fascismo quando da guerra de 1939 a 1945, o seu povo sacrificou nessa luta 18 milhões de vidas.

Defensora intransigente da democracia e do socialismo, as classes trabalhadoras e os povos de todo o mundo encontram nela um fiel amigo. Ao mesmo tempo que pratica a coexistência pacífica entre países com regimes sociais diferentes, presta a todos os povos em luta pela sua libertação política e económica larga ajuda desinteressada, tanto moral como material, no campo político, económico e militar.

A salvaguarda da paz mundial é a ela que em grande parte se deve.

Pátria querida do povo soviético, os trabalhadores e as pessoas progressistas do mundo inteiro têm os olhos postos nela, como pioneira da construção duma vida nova alegre e feliz. Os seus progressos científicos, técnicos, económicos, sociais, e políticos; o aumento crescente do bem-estar dos seus filhos; tudo isto, é a demonstração prática do que pode um povo quando destrói o poder das classes exploradoras, quando toma nas suas mãos a direcção do país.



## O governo contra o produtor da batata

Mais uma vez se assistiu a um grande prejuízo causado à Lavoura pelos organismos oficiais chamados de « Juntas Nacionais » e companhia.

Trata-se da actuação da Junta Nacional das Frutas e do Ministério da Economia sobre o comércio da batata.

O produtor da batata, que logo de princípio passa tormentos com a aquisição das sementes, é, por um lado, indecentemente explorado nos preços e, por outro lado, enganado algumas vezes nas sementes adquiridas. A seguir, vêem as dores de cabeça devido à carestia dos adubos, dos produtos de tratamento, etc., a continuar a afligi-lo, e, por fim, é o resultado obtido que o lança numa situação crítica e à beira da miséria. Só vai resistindo a tudo e a todos os contratempos porque, de uma maneira geral, o agricultor e os seus familiares se sujeitam a uma vida de miséria, comendo mal, vestindo mal, habitando em casas que mais pare-

cem palheiros, a sofrerem resignados a doença por falta de meios de assistência, a serem qualificados, etc. . . .

Vem tudo isto a propósito do que se passou este ano com os preços da batata da produção, isto é, devido ao excesso de importação de batata, feita com o consentimento da Junta Nacional das Frutas e respectivo Ministério da Economia (que da Economia só tem o nome).

A batata da produção nacional veio a ser vendida por último entre 1\$50 e \$80 o quilo. E enquanto este tubérculo se via sujeito a estes preços de ruína, sucedia que, em alguns portos onde tinha chegado batata estrangeira, assim como em alguns armazéns da reterida Junta, por exemplo no de Chaves, onde tinha sido armazenada a batata nacional, assistia-se ao deterioramento de milhares e milhares de quilos, por falta de escoamento.

Quer dizer, a má orientação governativa da Junta Nacional das Frutas e respectivo Ministério não só prejudicou altamente os interesses dos produtores de batata como não defendeu os estoques feitos por conta da Junta (mas com dinheiro da Nação, claro está; logo com dinheiro dos próprios produtores prejudicados) a ponto de deixar estragar grandes quantidades desse produto que tinha arrazenado.

Ora, perante tal sucedido, pode perguntar-se: que orientação governativa é essa? Então importa-se batata para um país que a devia exportar e, ainda por cima, em tais quantidades que, com o fim de fazer baixar o preço à nacional (não fosse o produtor enriquecer) acaba-se por deixar estragar uma e outra? Mas que governação é esta, que continua a deixar em desgraça os camponeses da vida da Nação, graças aos produtos que tira da terra e lança no mercado? Que espécie de gente é esta que prefere deixar sair do País o dinheiro para o estrangeiro a ficar nas mãos dos portugueses, isto é, na daqueles que lobutam na terra durante o ano inteiro, de tal a tal? A resposta é fácil: estas coisas não acontecem por acaso, com esses negócios de importação, alguns da governação GOVERNAM-SE a bom governo. . . .

Camponês, produtor de batata e caro colega, cotinuuamos a verificar que o governo que nos governa pela força há tantos anos, teima em continuar a não ter qualquer atenção por nós e, antes pelo contrário, procura mas é arruinar-nos! Por isso, procura juntar-te a outros colegas do teu lugar, da tua aldeia, da tua região, etc. e protesta contra a política de ruína em que o governo de Salazar nos lançou. Protestemos através das Juntas de Freguesia, dos Grémios da Lavoura, das Câmaras Municipais, etc. . .

## O que deu aos camponeses a Revolução Socialista

(cont. da pág. 1)

tuo aos camponeses. Foi desta forma levado à prática o princípio socialista de A TERRA PARA QUEM A TRABALHA.

Mas estas foram apenas as primeiras medidas, pois entregar a terra aos camponeses não resolvia, só por si, todos os problemas. Foi proibida a venda e o arrendamento da terra, para que os camponeses não pudessem voltar a ser explorados. Quem desejasse terra para cultivar, tê-la-ia, fornecida pelo Estado. As dívidas dos camponeses foram anuladas. Para tirarem maior rendimento da terra, os camponeses foram esclarecidos da vantagem de a cultivar colectivamente e organizaram-se em cooperativas socialistas, os kolkozoes, onde todos são iguais em direitos e deveres, administradas por eles próprios, eleitos em amplas e democráticas assembleias. A par da propriedade colectiva, cada kolkoziano ficou com o direito ao cultivo individual de um pedaço de terra junto à sua habitação e às cabeças de gado consideradas necessárias ao abastecimento familiar.

Aos kolkozianos foi prestado todo o auxílio financeiro possível. Procedeu-se à mecanização da agricultura. Em princípio, porque os kolkozoes eram economicamente débeis, a mecanização esteve a cargo do Estado, que criou para o efeito Estações de Máquinas e Tractores e se encarregou de fornecer pessoal tecnicamente preparado para trabalhar com as mesmas. Hoje, os kolkozoes têm as suas próprias máquinas e material de transporte mecânico.

A electrificação foi levada aos campos, onde existem já muitas cen-

trais eléctricas, que fornecem a electricidade necessária.

Foram construídas escolas, através das quais se eliminou o analfabetismo. Os camponeses passaram a poder frequentar cursos especializados de ensino médio e superior, passaram a ter livre acesso às universidades.

A cultura desenvolveu-se, com a criação de clubes e bibliotecas. Existem hoje por toda a parte casas de espectáculos a preços acessíveis, onde se exibem artistas profissionais, além de que há também agrupamentos artísticos próprios, compostos pelos trabalhadores, que podem, assim, desenvolver o gosto pela arte e as suas qualidades artísticas.

Os camponeses soviéticos têm hoje um nível económico desafogado, levam uma vida feliz e sem preocupações com o dia de amanhã tanto para si como para os seus filhos, uma vez que o Estado e a organização kolkoziana lhes asseguram toda a assistência médica, hospitalar e social, seja enquanto trabalham, seja quando deixam de o poder fazer.

Eis, a traços largos, o que a Revolução de Outubro deu aos camponeses da Rússia e dos países que o tsarismo oprimia e hoje fazem livremente parte da Grande União Soviética e caminham de mãos dadas com todos os outros trabalhadores soviéticos para o comunismo. Essa é também a grandiosa perspectiva da revolução socialista que um dia se realizará no nosso País.

VIVA A GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO! VIVA O SOCIALISMO E O COMUNISMO! VIVA A UNIÃO SOVIÉTICA!



## **Contra o fascismo, os monopólios e os latifundiários**

Portugal é há mais de 41 anos dominado por um regime fascista. O poder é exercido por um governo terrorista dos monopólios, aliados ao imperialismo estrangeiro, e dos latifundiários. Os grandes capitalistas, os monopólios, os usurários, os latifundiários, fazem parte dos exploradores. Os operários, os camponeses e todos os outros sectores da população portuguesa são os explorados. Os operários e os camponeses são, ao mesmo tempo, a parte mais numerosa destes e os que mais sofrem a exploração daqueles. Aos operários impõe o fascismo salários baixos. Aos camponeses (pequenos e médios produtores), impõe o fascismo preços ruinosos para os seus produtos. Com baixos salários, não podem os operários pagar preços elevados pelos artigos de primeira necessidade, vendendo os seus produtos por baixos preços, não podem os camponeses cuidar suficientemente das suas culturas, melhorar a adubação das terras, modernizar e renovar os seus instrumentos de trabalho.

Com a ruína dos pequenos camponeses, aproveitam os latifundiários, os grandes capitalistas, os bancos, os usurários, que se vão apoderando das suas terras e transformando os camponeses em seus assalariados, o que lhes garante, aumentando o número destes, manter os salários ou baixá-los ainda mais. Os camponeses e os operários são, pois, aliados naturais na luta comum contra os monopólios e os latifundiários.

Não é no pagamento de baixos salários aos operários e assalariados agrícolas que está a solução dos problemas que atormentam os pequenos e médios produtores. É, tal como defende o Partido Comunista Português no seu Programa, na realização, duma verdadeira Reforma Agrária, para o que se considera fundamentais as seguintes medidas:

1. Expropriação dos latifundiários e das grandes explorações agrícolas capitalistas, cujas dimensões por efeito de expropriação serão determinadas por lei, tendo em conta a natureza do terreno, os tipos de cultura, o valor do produto e o peso relativo das várias camadas do campesinato em cada região. Em todos os outros casos, respeito pela propriedade privada da terra.
2. Entrega das terras expropriadas aos assalariados rurais e aos camponeses pobres (proprietários, rendeiros e parceiros). Divisão e distribuição nuns casos da terra para ser explorada individualmente ou em cooperativas, e estabelecimento noutros casos da exploração directa pelo Estado, tendo em conta a vontade das massas camponesas.
3. Elevação dos salários e garantia de trabalho para os assalariados rurais, tornando-lhes extensivas as conquistas sociais do proletariado industrial. Jornada de 8 horas.
4. Extinção de formas semi-feudais de exploração, como foros e parcerias nas suas diversas modalidades, e entrega àqueles que a trabalham a título de propriedade plena, das terras presentemente exploradas em tal regime. Reforma do regime de arrendamento. Anulação das dívidas usurárias.
5. Restituição ao uso dos povos respectivos das terras baldias e outras usurpadas pelo Estado fascista e grandes agrários.
6. Auxílio do Estado aos pequenos agricultores,

estimulando a formação e desenvolvimento de cooperativas agrícolas, concedendo créditos a juro módico, fornecendo máquinas em boas condições, facilitando a aquisição e transporte de adubos, insecticidas e fungicidas, prestando assistência técnica e autorizando a instalação de indústrias subsidiárias para laborar os produtos agrícolas das próprias cooperativas.

7. Melhoramento das condições gerais de vida nas aldeias, pela electrificação, construção de estradas e escolas, abastecimento de água, instalação de postos médicos, etc.
8. Desenvolvimento da indústria de adubos químicos e máquinas agrícolas, realização de obras de rega, electrificação rural, fomento pecuário, melhoramento das vias e meios de transporte, construção de silos, adegas e lagares e criação de parques de tratores e máquinas agrícolas, para utilização em boas condições pelas cooperativas e pelos agricultores individuais.
9. Liquidação da especulação, do parasitismo comercial e dos monopólios de compra, de distribuição e venda dos produtos agrícolas e pecuários pelos grandes agrários hoje instalados na organização corporativa. Liquidação dos Grémios, Federações e Juntas. Reorganização do aparelho comercial dos produtos agrícolas e pecuários, na base da colaboração do Estado com as cooperativas de agricultores, de forma a garantir preços remuneradores aos produtores sem sobrecarga dos consumidores.
10. Alargamento das isenções de impostos aos camponeses pobres, estabelecimento dum sistema progressivo da contribuição predial rústica, segundo o princípio: « pagamais quem mais tiver ». Embora classes distintas, o campesinato e o operariado (industrial e agrícola) não terão, numa sociedade bem organizada, interesses que se choquem; os interesses duns não irão contra os interesses dos outros. O operariado e o campesinato, mais do que aliados, serão então classes amigas. Unidos, devem lutar hoje contra o fascismo, os monopólios e os latifundiários. Unidos, devem lutar amanhã pela extinção da exploração do homem pelo homem e pelo progresso constante em benefício de toda a Humanidade. Os operários e os camponeses são aliados na sua luta comum.

### **O Governo contra o produtor da batata**

( cont. da pág. 3 )

Preparete, pois, colega e amigo camponês, para tomar parte na luta que, pelo esforço de todos nós, de todos os portugueses honrados, terá um dia que ter lugar na nossa terra para a derrota deste governo tirânico. Mas enquanto essa hora não chegar, une-te a outros colegas produtores e luta, pois só assim, combativos, conseguiremos ver satisfeitas algumas das nossas reclamações. Que tudo o que vendemos tenha preços remuneradores, e que tudo o que compramos para a lavoura em vez de subir de preço embarateça e que as « décimas » sejam reduzidas ou cessem de aumentar, e que as muitas licenças que pagamos, disto e daquilo, sejam reduzidas ou anuladas.